



Murilo Mendes

Retrato de Murilo Mendes, 1930
Alberto da Veiga Guignard

Imagem disponível em:

<http://www.museudeartemurilomendes.com.br/r/acervo/acervo-de-arte/relacao-de-obras/guignard/>. Acesso em 10 mai. 2021.

O telefone

O telefone é um objeto de metal, geralmente pintado de preto, geralmente redondo: uma boca sem corpo aderindo a uma e solicitando outra boca através do espaço.

Pelas estradas do telefone transitam milhões de palavras redondas, quadradas, perdidas, quebradas, afastadas do seu centro, travestidas de realidades.



Os gritos ao telefone da família dos Átridas, entrematando-se com a palavra e a espada. Os gritos ao telefone em Jerusalém, naquele dia que se repete até o final dos tempos, em todos os lugares, da crucificação de Jesus Cristo. Nenhum grito ao telefone se a Bomba descesse.



As sacerdotisas do telefone, as telefonistas elevadas por Marcel Proust à categoria de seres mitológicos.



Apollinaire, digo-te: o dia passa, a noite vem; pela ponte do telefone todas as palavras passam. Ressoa violentamente a campainha do telefone; a vida não é lenta, *hélas!* A esperança: violenta. Minha vida se dilui como qualquer alô. Tudo passa sob a ponte do tempo telefonável, telefonado e telefonando, tudo passa, *hélas!* o telefone resta, Apollinaire, alô.

O queijo

Minha mais remota ideia de eternidade talvez me tenha sido fornecida pelo queijo, que resumia aos meus olhos o círculo e a brancura, elementos básicos de eternidade, eu imaginava. Que decepção quando soube que o círculo já fora inventado há muito tempo! Julgava que o tivesse descoberto.



Naquela época eu conhecia somente queijos redondos; mais tarde nasceram usurpadores queijos quadrados. Depois, ovais. Havia por exemplo um queijo oval com o nome de queijo cavalo. Fiquei então sabendo que o cavalo é de forma oval, coisa digna de ser meditada: quem ousaria negar que a cabeça do cavalo é oval? Já para achar horizontalmente oval seu corpo todo, faz-se necessário uma lente mais poderosa.



A eternidade nasceu pois para mim redonda e branca, vinda da forma do queijo de Minas que despontara na mesa ainda fresco, trazendo uns restos da água alegre — ou do leite? — do dilúvio. A eternidade me dava de comer nas mãos. Até que um dia apareceu lá em casa o queijo tipo flamengo, vermelho; alguns, é verdade, redondos, mas outros com pretensões a quadrados ou retangulares. Desde então meu conceito de eternidade perdeu a primitiva pureza ortodoxa. De resto, entre o redondo e o quadrado, entre o branco e o vermelho meu espírito balança desde o início. E não sei bem se a eternidade é efêmera.



P.S. — Bertrand Russell informa que ninguém poderá entender a palavra “queijo” se não tiver antes de tudo uma experiência não linguística do queijo.

Como poderia eu entender a palavra “eternidade” se me faltava uma experiência não linguística da mesma? Felizmente o queijo interveio por tangência.